

Espírito e vida em Jürgen Moltmann

Andrey Albuquerque Mendonça
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião
Eixo temático: Teologia Sistemática
Comunicação Oral

RESUMO

A pneumatologia tem, nas últimas décadas, voltado ao centro da pesquisa teológica no mundo. Seja por uma atitude apologética diante da efervescência dos movimentos carismáticos, seja em busca de uma espiritualidade integral e trinitária dentro do cristianismo histórico. Neste cenário, a obra do teólogo reformado alemão Jürgen Moltmann, que faz coro aos teólogos tanto católicos como o cardeal Yves Congar e ortodoxos como Paul Evdokimov. Tendo sua obra como referência, analisaremos, diante dos desafios contemporâneos propostos pela ciência ao método teológico de leitura das Escrituras, qual relevância e contribuições o pensamento de Moltmann oferece através da recuperação dos Pais da Igreja do diálogo entre as diferentes tradições cristãs sinalizando um caminho em busca da unidade cristã movida pelo Espírito da Vida

Palavras-chave: pneumatologia, patrística, cristianismo.

INTRODUÇÃO

Um dos grandes desafios posto pela pós-modernidade diante da Teologia é uma resposta adequada ao desenvolvimento de novas tecnologias que tocam diretamente a humanidade com a promessa de alterar significativamente a percepção do sentido e da natureza humanas. É a chamada Convergência Tecnológica¹. Termo amplamente utilizado em nossos dias por cientistas e pelos chamados tecno-profetas² que sinalizam

¹ A ação integrada de quatro campos científicos e tecnológicos que, nas últimas décadas, têm apresentado um crescimento acelerado, são eles: nanotecnologia, biotecnologia, tecnologias de informação e neurociência (ciências cognitivas). Cf. Esper A. Cavalheiro. *A nova convergência da ciência e tecnologia*. São Paulo: Novos estudos, CEBRAP nº. 78, July 2007. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/nec/n78/04.pdf> Acesso em 15/03/2009.

² Termo utilizado pelo filósofo francês Dominique Lecourt para designar uma parte dos cientistas e tecnólogos transhumanistas como Ray Kurzweil e Hans Moravec que fazem uma previsão sobre o futuro da humanidade a partir da utilização das novas tecnologias que possibilitarão o *upload* da mente para a realidade virtual ou interfaces cibernéticas e robóticas o que, segundo eles, transformaria a própria natureza humana. Cf. Dominique Lecourt.

a chegada de um novo tempo. A característica marcante dessa “nova era” guiada pela tecnologia é a proposta de cessação do sofrimento, e, num futuro próximo, o prolongamento *ad infinitum* da humanidade – não como a conhecemos, mas um novo humano, liberto da finitude e da degeneração biológica pairando na nuvem computacional – é o chamado movimento transhumanista ou pós-humanista.

As perguntas suscitadas pelo movimento transhumanista incluem: Qual o futuro da religião numa sociedade tecnófila? Qual sua utilidade? A religião, hoje produtora de sentido tanto para a vida quanto para a morte sobreviverá às mudanças produzidas pela tecnologia na natureza humana? Esses são exemplos de questões presentes em diversos textos acadêmicos que versam sobre o papel da religião e da teologia diante do “novo humano” produto de uma evolução (não mais a Darwiniana, cega) dirigida, guiada e orientada pela convergência tecnológica.

Para diversos pesquisadores da religião do séc. XIX era um fato que a derrocada das religiões tradicionais nas sociedades seria uma marca característica da modernidade ocidental – processo chamado pelos estudiosos de secularização. Isto se observaria na diminuição da influência do sobrenatural na vida das pessoas substituída pela confiança na ciência e tecnologia como fontes de explicação e controle do cosmos. Porém, essa idéia de que a secularização fundamentada na técnica e na explicação racional do mundo convergiria no fim da religião – ou como em muitos círculos na “morte de Deus” – encontrou sérias críticas durante o século XX e não se mostrou sólida pela observação empírica de diversas sociedades contemporâneas.¹

Hoje como nunca na história da humanidade se assiste ao que Peter Berger e Thomas Luckmann² denominaram crise latente de sentido. Grandes provações têm atravessado épocas onde se faz patente um clima de desordem existencial, um “não saber mais a que lugar ir”. Mas as condições estruturais da sociedade atual transformam esta situação em uma constante, em sua característica intrínseca: ainda que não haja uma total falta de sentido (como muitos intelectuais diagnosticam com especial alarde), existe uma permanente explosão de crises pessoais e interpessoais que escondem uma potencial crise geral.

Para o presente artigo, lançaremos mão do pensamento do Teólogo Reformado Jürgen Moltmann, especialmente de sua pneumatologia, pois nela, encontramos subsídios para uma afirmação da

Humano Pós-humano: a técnica e a vida. São Paulo: Loyola, 2006.

¹ Cf. Juan Pablo Palladino. *La leyenda de una sociedad sin religiones*. In: *Revistateína* nº 07 – La Religión. Disponível em: <http://www.revistateina.com/teina/web/teina7/dos2.htm> Acesso em: 12/03/2009.

² Cf. Peter Berger; Thomas Luckmann. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 2006. passim.

natureza humana enquanto criada pelo Espírito de Deus e possuidora da *imago Dei*, mantida pelo mesmo Espírito que continuamente infunde a vida divina no ser humano e em todo o cosmos.

Uma leitura teológica nos posicionará frente ao positivismo humanista secular e sua visão de futuro como produção da evolução tecnológica dirigida. Segundo Moltmann, em sua leitura do futuro a partir da Teologia da Esperança, não é o ser humano que se dirige ao futuro a fim de transformá-lo pela tecnologia em busca de mudar seu fim inexorável junto com a matéria, mas é o Deus da Esperança que vem do futuro e encontra-se com o ser humano estabelecendo o seu Reino e, alterando definitivamente o destino da humanidade aberto à possibilidade da justiça e da paz.

O Espírito da Vida numa leitura das Sagradas Escrituras

É um fato que neste artigo seria impossível expor toda a pneumatologia reformada, por isso, a partir das reflexões de Moltmann em diálogo com outras tradições cristãs, pretendemos lançar um pouco de luz sobre a doutrina do Espírito Santo. Ressaltamos que, neste texto, expomos uma leitura particular das Escrituras que reflete uma escola hermenêutica da Patrística (especificamente Alexandrina), atentando às palavras de Orígenes: *a leitura das Escrituras sem a ajuda do Espírito e sem o discernimento dos Padres da Igreja é correr o risco de quebrar os dentes na dura casca da letra e esquecer a amêndoa*¹. No contexto contemporâneo Jürgen Moltmann nos ajuda a entender o fato:

A comunidade, no seio da qual se esperam e são produzidos os trabalhos teológicos, lança as suas raízes na profundidade dos séculos transcorridos, até o tempo dos testemunhos bíblicos, pois a partir destes testemunhos surge na história um diálogo ininterrupto, inacabado e sempre perfectível... Aquilo que chamamos 'tradição' não é nenhum baú de verdades cristalizadas e utilizáveis, mas sim o diálogo teológico vivo, necessário e permanente, que mantemos com o passado, atravessando os tempos, e estendendo-se ao futuro comum.²

É preciso ressaltar a importância do método hermenêutico utilizado pelos Pais da Igreja – o método alegórico – para interpretar as Escrituras, pois, a partir da era pós-apostólica, embora já houvessem os escritos dos apóstolos circulando nas Igrejas, as Escrituras hebraicas eram amplamente utilizadas e reverenciadas como Palavra de Deus. E isto indicava a necessidade de se harmonizar os textos do Antigo Testamento com a nova fé apostólica que passou a chamar-se de Novo Testamento. “Ao adotar

¹ LELOUP, Jean-Yves, 2003, p. 31.

² MOLTMANN, Jürgen, 2000, p. 13.

esta atitude, os teólogos e mestres cristãos estavam simplesmente seguindo o exemplo dos apóstolos e evangelistas e, na verdade, do próprio Senhor”.¹ Seguem-se alguns exemplos de como isto ocorria:

Assim, o autor de “A pregação de Pedro” apresenta os apóstolos dizendo: “Tendo aberto os livros que possuímos e nos quais os profetas mencionam Cristo, ora em parábolas, ora em enigmas, ora de forma clara e distinta, descobrimos Sua vinda, Sua morte, Sua cruz, todos os demais sofrimentos que os judeus Lhe infligiram, Sua ressurreição, Sua ascensão... E nada dizemos fora das escrituras”. “Como poderíamos crer”, exclama Justino, “que um homem crucificado é o primogênito do Deus não-gerado, e que Ele julgará toda raça humana, se não tivéssemos encontrado o testemunho da do antes de Sua vinda como homem e visto que este testemunho se cumpriu com exatidão?”²

Já na teologia Ortodoxa contemporânea, Paul Evdokimov trabalha este ponto enfatizando que, embora os judeus tenham interpretado os textos em que o plural se apresenta (e.g. Gênesis 3: 22; 11:7) como um diálogo de Deus com os anjos, ou ainda, como Fílon interpreta o Anjo de Javé sendo o Logos (ou demiurgo) como aquele que governa o mundo; para os Pais da Igreja, os mesmos tratavam das relações trinitárias reveladas na economia divina. Atanásio afirma que *os Serafins dizendo três vezes Santo, glorificam o Pai, o Filho e o Espírito* e ainda *Eles nomeiam assim as três hipóstases perfeitas, e, quando dizem Senhor, eles mostram a única essência de Deus*³, e embora a princípio estas passagens pareçam um pouco obscuras, elas demonstram que a idéia de comunhão trinitária em Deus já estava presente no Antigo Testamento, Isidoro Pelus atribui este fato à pedagogia divina:

Deus não julgou oportuno introduzir a distinção das pessoas, para que os judeus não caíam na idolatria e não professem que existe uma natureza diferente nas hipóstases, mas para que tendo aprendido desde o início a lição da monarquia, entendam pouco a pouco o dogma das hipóstases que jorra por sua vez na unidade de natureza.⁴

Nas Escrituras, especialmente no Novo Testamento há uma mútua relação entre Cristo e o Espírito, infelizmente esta correlação tem sido relegada a um segundo plano, em parte, por uma ênfase cristológica presente nos embates e discussões da Igreja Ocidental. Mas agora, cremos ser tempo de voltarmos os olhos para esta questão observando que *a tradição da Igreja Oriental, desde o tempo dos capadócius, sempre*

¹ KELLY, J. N. D., 1993, p. 48.

² KELLY, J. N. D., loc. cit.

³ De appar. Verbi Dei inc., 10, PG 26, 1.000; 25, 200. Apud: EVDOKIMOV, Paul, 1996, p. 31.

⁴ EVDOKIMOV, Paul, 1996, loc. cit.

*ênfâtizou a mútua relação entre a cristologia pneumatológica, por um lado, e a pneumatologia cristológica do outro*¹.

Esta terminologia técnica tem seu lugar apenas para a dogmática, haja vista que para a grande tradição da Igreja Oriental, falar da Trindade é estar diante do mistério de Deus – descrito numa linguagem apofática (negativa) como insondável, incompreensível, inimaginável, imensurável, etc. Portanto, ao aproximarmos-nos das Escrituras que trazem a plena revelação da Trindade, devemos fazê-lo reverentemente, pois, *para além de qualquer especulação ou filosofia, a Igreja anuncia a economia trinitária da salvação no seu kerigma e ela vive-a imediatamente na sua fórmula batismal, no seu Símbolo de Fé, na sua liturgia e nos seus sacramentos*².

Segundo o Evangelho de João, o Espírito não pode ser recebido pelo mundo, pois o mundo (a atual condição dos assuntos humanos, em alienação e oposição a Deus) não pode vê-lo nem conhecê-lo. Aqui conhecer é mais do que uma simples troca de informações, o texto pressupõe que conhecimento tem a ver com a habitação do Espírito na nova comunidade, não só entre eles, mas neles. Como Moltmann nos diz:

“No pensamento pragmático do mundo moderno, conhecer alguma coisa significa sempre dominar alguma coisa. ‘Conhecer é poder!’ [...] Conhecer para os filósofos gregos e para os Padres da Igreja, significa outra coisa: conhecemos pela admiração. Pelo conhecimento, participamos da vida do outro. O ato de conhecer um objeto que se apresenta não o transforma em propriedade do conhecedor, mas ao contrário, por força da simpatia, transforma o conhecedor em elemento participativo do conhecido. O conhecimento funda comunhão”.³

Assim do espírito dos Padres, a teologia ergue-se em um ministério carismático, pois ninguém pode conhecer a Deus, se não é o próprio Deus que o ensina – não há outro meio de conhecer a Deus do que viver nele. Falar de Deus é uma grande coisa, mas ainda é preferível purificar-nos para Deus, diz São Gregório de Nazianzo.⁴

A missão com a qual Jesus incumbe seus seguidores é uma missão pneumatológica, pois da mesma maneira que Cristo havia sido ungido pelo Espírito Santo no seu ministério terreno, agora, ele sopra as energias pneumáticas sobre os discípulos capacitando-os para exercerem seu apostolado reproduzindo assim, seu caráter e sua missão, o que veremos a seguir no relato dos atos apostólicos.

É interessante percebermos que no capítulo um de Atos, Lucas nos leva ao último discurso de Jesus antes de sua ascensão ao céu onde nos é

¹ EVDOKIMOV, Paul, 1996, p. 66.

² EVDOKIMOV, Paul, 1996, p. 30.

³ MOLTSMANN, Jürgen, 2000, p. 24.

⁴ EVDOKIMOV, Paul, 1996, p. 20.

dito que o Mestre fala novamente sobre a promessa do envio do Espírito Santo aos discípulos dizendo: [...] *dentro de poucos dias vocês serão batizados com o Espírito Santo [...] Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas [...]*. Ou seja, mais uma vez, a vinda do Espírito tem uma relação tanto com a vivificação quanto com a missão dos discípulos. Eles seriam primeiramente batizados com o Espírito e depois receberiam poder para serem testemunhas da ressurreição.

Sobre a ligação entre a esperança da profecia israelita e o seu cumprimento na comunidade cristã, Moltmann acredita que o fato da liberdade que a experiência de Deus através de Cristo no Espírito Santo proporciona a esta comunidade, é fundamentalmente uma experiência libertadora; ele nos diz:

Pela fé no Messias Jesus, a cristandade experimenta algo muito semelhante. 'Pois o Senhor é o Espírito e onde está o Espírito do Senhor há liberdade' (2 Coríntios 3:17). No Espírito Cristo se manifesta como 'o Senhor', e no Espírito nós experimentamos a liberdade. De conformidade com a experiência de Israel e de conformidade com as experiências da cristandade, a experiência de Deus e a experiência da liberdade se fundem, tornando-se inseparáveis e quase passando a ser sinônimos.¹

Só no livro dos Atos dos Apóstolos encontramos aproximadamente 40 citações a respeito do Espírito Santo. Nelas Lucas é enfático em narrar que a história da Igreja é a história dos atos do Espírito através da comunidade apostólica. Que há uma unidade entre Cristo e a Igreja e os laços desta união são vivenciados na *comunhão, no partir do pão e nas orações*, onde todos podem experimentar o enchimento do Espírito Santo e o temor a Deus. Esta unidade que foi pedida por Jesus no relato de João 17 torna-se cada vez mais real, como afirma o teólogo Karl Barth:

Portanto, existe de fato uma unidade de Deus e o homem; o próprio Deus a criou; somente Deus pode criá-la; Deus a cria porque ele deseja criá-la. Não é outra unidade senão a unidade eterna dEle próprio como Pai e Filho. Esta unidade é o Espírito Santo. Ele e somente Ele torna a unidade de Deus e do homem necessária e possível. O Espírito Santo é o próprio Deus em Sua liberdade de fazer a criatura se ajustar a Sua comunhão, capaz de recebê-lo, objeto de Sua revelação.²

Agora, a chamada ao arrependimento e à fé são confirmadas pela ação do Espírito Santo nos membros da nova comunidade. Seus pecados são perdoados eles devem receber o batismo – mas há uma variante importante – agora eles também participam do dom (dádiva, presente) do Espírito.

¹ MOLTSMANN, Jürgen, 1999, p. 101.

² BARTH, Karl, 2003, p. 81.

Não somente isso, mas a mensagem apostólica é uma mensagem pneumática, ou seja, o Espírito capacita os discípulos a (com autoridade) anunciarem Jesus e serem testemunhas da Palavra de Deus. A força motriz da nova comunidade é o Espírito Santo. Ele revela Deus aos homens, ele concede seu favor e seus dons, separa as pessoas para o ministério da pregação, ou seja, – ele não somente está presente na comunidade – ele é o Senhor. Mas *onde está o Espírito do Senhor, ali há liberdade*, e é nesta liberdade de experiência que os cristãos são chamados a viver ainda hoje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estas experiências da paz com Deus e da alegria pascal na regeneração para a vida, nós a chamamos de experiências do Espírito Santo. Que haveremos de dizer com isto? Que elas são de uma profundidade insondável, porque Deus mesmo está presente em nós. E que todos os seres humanos, portanto, podem descobrir na imanência de seus corações uma profundidade transcendente. Se o Espírito de Deus é o Espírito da ressurreição, então é possível para a humanidade adquirir um sentido último através da esperança que vê diante de si possibilidades ilimitadas, porque olha para o futuro de Deus¹.

Nessa aproximação entre a pneumatologia reformada de Jürgen Moltmann e a grande *paradosis* preservada especialmente pela ortodoxia oriental na leitura do Novo Testamento podemos tecer algumas considerações que podem definir uma agenda teológica comum com o fim de responder às questões levantadas pelo mundo contemporâneo a respeito da relevância e continuidade da própria religião.

Na experiência do Espírito, Deus é a experiência original que tudo abrange, e não um parceiro distanciado. Na experiência carismática do Espírito é a mútua *pericorese* entre Deus e nós que é experimentada. Esta é uma comunhão muito mais íntima do que a comunhão entre Criador e criatura. No Espírito Santo o Deus eterno participa de nossa vida mortal e nós participamos da vida eterna de Deus. E esta mútua comunhão é uma imensa fonte de força que viabiliza a vida humana mesmo em suas contradições, em seu sofrimento e em sua angústia existencial².

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTH, Karl. *Credo: Comentários ao Credo Apostólico*. São Paulo: Novo Século, 2003.

¹ MOLTSMANN, Jürgen, 1999, p. 150.

² MOLTSMANN, Jürgen, 1999, p. 187.

- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- CAVALHEIRO, Esper A. *A nova convergência da ciência e tecnologia*. São Paulo: Novos estudos, CEBRAP nº.78, July 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n78/04.pdf>> Acesso em 15/03/2009.
- EVDOKIMOV, Paul. *O Espírito Santo na Tradição Ortodoxa*. São Paulo: Editora Ave Maria, 1996.
- KELLY, J. N. D. *Doutrinas centrais da fé cristã: origem e desenvolvimento*. São Paulo: Vida Nova, 1993.
- LECOURT, Dominique. *Humano Pós-humano: a técnica e a vida*. São Paulo: Loyola, 2006.
- LELOUP, Jean-Yves. *Introdução aos Verdadeiros Filósofos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- MOLTMANN, Jürgen. Moltmann, Jürgen. *O Espírito da Vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- _____. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- PALLADITO, Juan Pablo. *La leyenda de una sociedad sin religiones*. In: *Revistateína* nº 07 – La Religión. Disponível em: <<http://www.revistateina.com/teina/web/teina7/dos2.htm>> Acesso em: 12/03/2009.